

Planos de Lula visam a comunidade

Em cada fábrica e escola, uma quadra de vôlei e de basquete. Em cada bairro, uma pista de atletismo. Esse é o projeto do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, da Frente Brasil Popular (PT/PSB/PC do B) para a área esportiva, tendo como prioridade o esporteador. Apaixonado por futebol desde garoto, além de ter jogado basquete e futebol de salão na adolescência, Lula considera-se um razoável lateral-esquerdo, que não dispensa uma pelada quando sobra um tempinho.

Já em ritmo de campanha, sua última atuação foi jogando pelo 13 do Brasil Futebol Clube contra o Politeama, time do compositor Chico Buarque, mas perdeu por 4 X 3. Torcedor do Corinthians, em São Paulo, cruzmaltino, no Rio, Lula acha que o esporte é uma função do Estado, seja como um complemento à educação ou para formar atletas.

“Acha que o Governo deve dar total apoio ao esporte amador, democratizando, sobretudo, o acesso à prática esportiva, independente de origem social. O esporte tem que ser visto acima de tudo como um complemento no processo de formação e desenvolvimento do ser humano. Este tra-

balho começa na infância, nas escolas. No que diz respeito aos atletas, deve ser aprimorado nas academias públicas, a exemplo do que acontece nos países socialistas”, avalia.

Segundo ele, sua meta será massificar o esporte, mas observa que um país só pode prender bons esportistas e bons atletas a partir de um povo bem alimentado. “Nosso projeto prevê a criação de uma quadra de vôlei e basquete em cada fábrica, escola, empresa, praças, da mesma forma que para cada bairro uma pista de atletismo. Mas para se chegar a isso é preciso cuidar primeiro da alimentação e dos salários”, aponta.

Referendando como ídolos eternos a geração de Garrincha, Quarentinha, Nilton Santos, Durval, Zagalo, Bellini, Pelé e Baltazar, Lula acha que com os “estrangeiros”, como Alemão, Dunga, Careca, a Seleção Brasileira conta com um potencial extraordinário para conseguir um resultado excelente em 1990, na Itália. Mas lembra que faz parte de uma geração que tem como referência os jogadores das Copas de 1950, 58, 62 e 70. “Quando se fala em Seleção, em futebol-arte, é essa turma que

vem na memória”, recorda. Lula confessa que não gosta de Sebastião Lazaroni como técnico. “Prefiro mil vezes o Telê Sant’ana”, mas aceita a função do libero no seu esquema tático.

“Sou favorável porque tem dado certo na Seleção”, justifica. Acho que temos que apostar em fórmulas novas para reencontrarmos o nosso futebol. Entre outras coisas, o Brasil precisa ser mais veloz, mas não pode jamais substituir sua técnica pelo futebol-força. Precisa, sim, de um esquema tático onde técnica, velocidade e inteligência sejam preponderantes na sua estratégia de jogo” diz ele.

O candidato considera também que está faltando mais profissionalismo na direção do futebol brasileiro e cita a CBF e o CND como exemplos. Para ele, os clubes, enquanto empresa, devem pagar imposto, a exemplo de como é feito na Europa. “Os clubes têm que caminhar para sua auto-suficiência, sem depender da tutela de padrinhos. O Corinthians está mal por causa de falta de inteligência da sua diretoria e dos investimentos astronômicos que fez sem um planejamento”, critica ele.